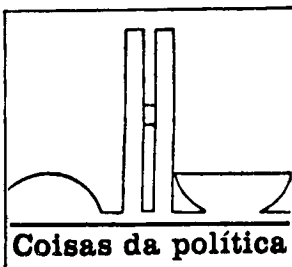


Tancredo, um estilo especial

O flagelo a que se vem submetendo o Presidente eleito Tancredo Neves, além da dor pelo sofrimento ilimitado de que tem sido vítima, lança o país em perigosa perplexidade. O povo insiste em não aceitar a realidade



Coisas da política

dura, que terá de ser absorvida, sem o que de nada valerá o sacrifício imposto a um homem público que, com dignidade, fez tudo para chegar onde chegou, mas que, exatamente na hora de recolher os louros de sua carreira vitoriosa, é impedido pela doença de tomar posse do mais alto posto a que um mortal poderia aspirar.

A medida em que o tempo passa, vão surgindo várias passagens da vida de Tancredo Neves. Seu estilo, como nunca, se sobressai aos olhos do povo e nos traz recordações do homem público que tem sido. De todas essas passagens, umas velhas, outras recentes, tomo apenas uma, de ontem, ocorrida com o Deputado Paulino Cícero de Vasconcelos, ex-vice-presidente da Câmara Federal. Preocupado com sua saúde, logo após a convenção, o deputado fez-lhe a seguinte observação:

— Presidente, na história de um país, há momentos em que alguns homens lhe são mais necessários do que as instituições. Pois estas, apesar de permanentes, necessitam muito, num dado instante, de quem as encarna. O Brasil, que ainda não tem instituições sólidas, também por esta razão, depositou o futuro de seu povo em suas mãos. O senhor hoje representa a nação unida em torno do ideal republicano, sinceramente à procura da consolidação do Estado de Direito democrático. Às vezes, fico preocupado com o que lhe possa acontecer e me pergunto se o senhor não deveria preocupar-se um pouco mais consigo próprio, com sua saúde.

Em resposta ao Deputado mineiro, respondeu-lhe o Presidente eleito:

— Veja você, Paulino. O Presidente do maior país do Ocidente, tendo ao seu lado o melhor e mais perfeito esquema de segurança jamais imaginado, acabou baleado, embora tenha escapado com vida do atentado. Isto sem falar nos outros, do mesmo país, que perderam a vida violentamente. Um outro chefe de Estado, também cercado de toda segurança, além da divina de que naturalmente se reveste, também foi vítima de um atentado que o deixou à beira da morte. De minha parte, se for este o preço que deverei pagar para reconduzir o Brasil ao caminho democrático, eu o aceitarei de bom grado.

Tancredo, amado pelo seu povo, não sofreu nenhum atentado, mas o destino não o quis poupar de um tumor benigno, algo corriqueiro para a medicina, mas que se complicou e acabou por infectar o seu organismo e debilitá-lo profundamente. Se estivesse por trás de tudo, vendo tudo, custaria a crer nessa manifestação coletiva de pesar, nessa dor sincera de milhões de brasileiros, nessa dolorosa orfandade que os ronda. Se ele algum dia se sentiu querido, nunca pode calcular o quanto é querido.

Por isso é que se pode dizer que Tancredo de Almeida Neves já cumpriu sua missão. Se voltar ao seu convívio, o povo será mais agradecido ainda a Deus, que atendeu, afinal, seu desejo. Se ficar definitivamente impedido, sua obra estará completa, pois terá sido ele o construtor de toda uma base, sem a qual nenhuma obra futura poderia ser construída. Dessa base, feita pela mistura de muitos ingredientes, ressalta a principal delas — a unidade. Tancredo provou por a + b que é possível reunir a família brasileira em torno de um ideal simples, que tem como fim a busca da democracia. Ele fez isto primeiro com os políticos, depois com as religiões, depois com o povão. Seu segredo? Ele reacendeu a esperança, hoje simbolizada nessa tocha humana que não se apaga. Fez renascer, no coração do povo, indistintamente, a oração. Um povo há anos ligado a corridas de cavalo, a baías, a corrupção, a desfalque, a casuísmos, ao autoritarismo, descobriu, de repente, independentemente de credo religioso, o sentido da oração. E passou a orar. É claro que todas essas orações voltarão como bênçãos — ou trazendo Tancredo de volta à vida útil ou o transformando em fonte de inspiração de tudo aquilo que se imagina de bom para este mesmo povo. Não terá sido este o sentido da fala do Dr Henrique Pinotti?

Mas a fala do Dr Pinotti pode ser considerada, também, como um recado que se deseja dar ao Vice-Presidente José Sarney. Recado no sentido de que é preciso, em nome do próprio paciente e para seu próprio resguardo, com sua já conhecida elegância e sem atropelamentos, ir assumindo as funções de Presidente, pondo em prática, leal e adequadamente, ainda que dentro de maneiras diferentes, os planos do Presidente eleito, que são do conhecimento da Aliança Democrática. O que não se pode, sem que seja considerada alta traição a tudo aquilo que se pactuou com o povo, diretamente e através de suas lideranças, é falhar no essencial. Esta falha será imperdoável e poderá provocar no país comoção ainda maior, de consequências imprevisíveis, do que a doença que acometeu o grande inspirador da mudança.

Que ninguém, se iluda: política também é destino.

Um senador filiado à Arena, que, sem se inscrever no PDS, o presidiu; um presidente do PDS que almejava a vice-presidência na chapa de Paulo Maluf, mas acabou rompendo com seu partido e se tornou vice de Tancredo, no PMDB; afinal, sem qualquer previsão sua, esse mesmo senador se vê na contingência de assumir, por um longo tempo, a Presidência da República.

Que lhe resta, então, como homem público e político experiente que é?

Apenas isto: com grandeza, aproveitar a oportunidade que gratuitamente lhe veio às mãos para, servindo a seu povo, ajudar o Brasil a cumprir o destino que lhe está reservado. Que haverá de passar depressa pela Assembléia Constituinte, ponto de sustentação dessa unidade redescoberta por Tancredo.